

TRAJECTÓRIA OBLITERADA
PRÉMIO "SAGRADA ESPERANÇA" EM 1984

J.A.S. Lopito Feijó K.
Luanda - Angola

Nunca foi fácil tarefa, a de elaborar um juízo crítico-literário a um livro de título preñado. O que dizeros, dificulta-se-nos muito mais quando se trata de um PRÉMIO SAGRADA ESPERANÇA, que em Angola traduz-se no maior galardão dentro do nosso ainda pobre reino literário.

O PRÉMIO SAGRADA ESPERANÇA constitui, entre nós, até ao momento, o de maior envergadura oficial para poesia concorrente ao CAMARADA PRESIDENTE, concurso de literatura anual instituído pelo INALD - Instituto Nacional do Livro e do Disco.

O Prémio referente ao ano de 1984 foi atribuído à TRAJETÓRIA OBLITERADA cujo autor é João Mairona, que teve a honra de ver sua obra cuidadosa e luxuosamente editada, em setembro de 1985, precisamente um ano depois que lhe foi outorgado (o prémio), em realização da editora Ulisseia de Lisboa/Portugal para o INALD.

O autor, João Mairona, herdeiro de pujante juventude, nasceu à trinta completos cacimbos (10/55 - 10/85) em Quibocolo município de Maquela do Zombo na Província do Uíge, filho de pais pobres (operário e vendedora de carvão), fazendo parte em mil novecentos e sessenta e um do contingente de refugiados angolanos no Congo, Leopoldville, actual República do Zaíre onde estudou tendo logo após o ciclo primário frequentado Humanidades Científicas num dos maiores colégios de Kinshasa ingressando depois na faculdade de Ciências do "Campus" na capital Zairense.

Só em setembro de 1976 regressou à terra natal, funcionando depois no quadro técnico da refinaria da petrangol em Luanda como operador até o segundo semestre de 1978, ano em que se estabeleceu na província do Huambo para frequentar o curso superior de Medicina Veterinária, aguardando à precisamente dois anos pelo nascimento e consequente formação de alguém que lhe possa assegurar a regência da última cadeira do currículo do seu curso universitário.

Seu primeiro escrito foi dado a estampa na revista semanal da África Central em mil novecentos e setenta e quatro e tratava-se de um ensaio de carácter sociológico, então, não pensando ainda em escrever versos até que em Dezembro de mil novecentos e setenta e seis, isolado algures em Viana aconteceu-lhe o primeiro verso

e em consequência o primeiro texto/poema, subretendo-se a partir daí à um intenso estudo e aturado trabalho literário que lhe possibilitou arrebatado o prêmio que em várias outras edições não havia sido outorgado, alegando o júri, o deficiente nível de literariedade bem como a falta de unidade ideológica das obras concorrentes.

O prêmio ser sobras para dúvidas reveste-se-lhe de grande importância literária se atendermos que lhe serve de canal de revelação e não só, pois surgiu-lhe também a primeira grande oportunidade de ser editado, comunicando-se a partir daí, socialmente através da palavra escrita. A palavra poética. A palavra profética, através da qual se cria e se tece pensamentos harmoniosos.

João Maimona é, pois, de TRAJETÓRIA OBLITERADA o verdadeiro poeta, o criador. O profeta na esteira Romana, e um abençoado mensageiro de luzes trazidas no espírito, pois facilmente mergulha no passado "interrogando as dores imprevistas"... "nua escada, sendo pois: a mão que descobre o perfil/adorrecido/ de quando...eramos nas ondas glaciais do cataclismo", vivendo o presente ...nos "rostos estrelecidos que se apagam/ (e) nos mercados de cruz que crepitar no campo ardente" bem como navegando no futuro como um investigador. Um vidente, vendo mais claro que outros humanos e revelando aquilo que se tem de fazer: "nua escada desfeita./Juntar as palavras suaves e verdes/da estrela viva.//Juntar as palavras do peito/e da boca/que nascer da harmonia/dos pulsos e dos sonhos.//Que germinar. Que florescer."

Na verdade estou/estamos defronte dum visível punhado de textos poéticos constituindo na totalidade trinta ser mais tirar nem pôr, arruados de maneira ainda pouco experiente, e igualmente muito pouco rigorosa, em dois cadernos: Caderno I (18 poemas) e Caderno II (12 poemas), coordenados por duas augustas expressões latinas, possibilitando ao título magnitude à altura da Língua -FELIX CULPA/AD LITEM.

Trata-se pois da obra de mais-(grande)-valia, quero dizer, da obra de maior valia poética conseguida dentre as demais propostas poéticas da mais recente geração de escritores angolanos, cuja serente foi lançada já na década de 80 através do movimento de proclamação, de brigadas por todo este sacrificado e intenso território Nacional, movimento a que o autor de TRAJETÓRIA OBLITERADA não escapou-se.

Uma proposta poética do novo em que através dum observação atenta dos fenômenos psíquicos da própria consciência, o autor consegue desenhar intimamente um mundo sentimental, visualizando analiticamente os seres socio-tipológicos de dentro para fora de si, sintetizando inconscientemente -ao que nos parece-, as des...esperanças indecisas entre a estrada e a catástrofe/entre a sombra e o naufrágio na escuridão azul e solitária descoberta pelas abelhas no ratagal da vida, vida condensada nas entre-linhas dos versos da obra até: As fraquezas da humanidade, que deixo inteiramente à vossa mercê:

(Entre a luz do dia e a da noite, eu ouço a humanidade cantar suas ondas de tormentas: as revoltas pensar nas vítimas, a cor dos hospitais não atrai o ginecologista que nem sequer se interessa pelas mulheres fascinantes, as teias de aranha construídas nas conchas do amor não surpreender serão as rascas

invisíveis, as literaturas eternas não obedecer à língua actual. Torrentos triturados que se apoderam da humanidade - exemplares da incapacidade.) (pág. 67)

- Aparente pessimismo aqui: nada vejo no teu olhar/ quando este olha para/ o turo.
- Aparente desilusão ali: Essas nuvens já não serão rinhas.
- Aparente dramatismo intimo quando à retórica de Sissa Anne sua irmã:
Cai uma gota.
Espessa.
No fundo do poço

onde murmurar
as gotas e gotas. (pág. 43)

- Aparente angústia inexistente e aparente descrédito à perspectiva dialéctica da vida:

-12-

Há anos que atravesso os céus.
Sinto-os desfalecidos, esses céus deslumbrados
como a ratéria que arde na natureza,
como o pobre que alucia o sofrimento.

Quer seremos ser os céus?

Olha, há anos em que os céus são facultativos.
E assim os céus não arrefecer o nosso tecto
o nosso corpo que é porbo infecundo.

Desse mundo fecundo onde chover lágrimas
dos céus nas ranhãs vestidas de sede. (pág.31)

Todos estes são factores que contribuir à sua medida para o engrandecimento artístico d'alguns destes textos poéticos que através de motivos religiosos e ardentes por excelência, provar o poder da literatura incutir nos Homens a esperança, a fé, as coisas belas e a certeza autêntica da vida no nosso planeta hoje que os problemas mais candentes das relações entre os Homens continuar a ser a segurança e a cooperação estendidas aos domínios político, militar, económico e cultural; quando, segundo dados da Organização das Nações Unidas, só as despesas mundiais com os arra-

mentos ultrapassar já a soma de 500.000 milhões de dólares, representando simplesmente o montante próprio de apenas meio ano; quando seria, e aliás é possível; extinguir de todas as regiões pobres a fome, as doenças e o analfabetismo principalmente na zona dos rios africanos, a saber, do Nilo, do Niger, do Congo e do Zaire, bem como do Sara e na zona dos grandes rios da Ásia, no Indo, no Ganges, no Macor, na região das cordilheiras dos Andes -enfim- em toda a África e América Latina.

Para além de tudo, diga-se, a obra no seu conjunto carece tecnicamente de recursos, apresentando-se com alguns textos formalmente descabidos, quero dizer, aquém da amplitude contenedora dos textos por prisão a formas já rotas não clássicas como tal, apesar da intransigente luta por dados linguísticos novos, e por motivos formais modernos criados na medida capaz de obterem-se expressões simples e claras, de novos conteúdos, conseguidos e de que maneira(?) nos textos: Murmúrios(pág.21); Ginástica quotidiana à Nelson Mandela, que sente... com as palavras presas nos lábios o perfume da discriminação distribuído a preço derrisório em Durban, Pretória, Soweto... (pág.37); e As Fraquezas da Humanidade (pág.67).

No entanto resta-nos publicamente felicitar o Autor encorajando-o para um cada vez mais moderno e livre poeitar tendo sempre em atenção o poder e a magia da palavra e linguagem específica.

Ficamos por aqui reconhecendo toda a nossa ousadia, ao formular um juízo crítico desta obra preziada no mais importante concurso Angolano de literatura, ousadia "tal aos vinte e tal anos". Ousadia à que possivelmente não saberemos perdoar de hoje aos próximos tempos, pelo que, reconheceremos toda a nossa parcialidade e complacência ou desonestidade crítica, pois é verdade que só é honesta aquela crítica que abarca a globalidade dos aspectos de qualquer obra artística, o que nem com a mais completa formação teórica ou mais concreta experiência prática seria possível, a alguém que se sinta verdadeiro crítico em qualquer esquina do planeta.